

DOSSIÊ

REFFEN

REVISTA FACULDADE FAMEN

Ano 7 / vol. 7/ n. 2 / 2026

ISSN: 2675-0589

TEMA: EDUCAÇÃO TERRITORIALIZADA NO SEMIÁRIDO: SABERES ANCESTRAIS, JUSTIÇA CLIMÁTICA E RESISTÊNCIAS DECOLONIAIS

Organizadores:

Paulo Roberto Ramos

Antonio Pereira Filho

Sidclay Cordeiro Pereira



FACULDADE METROPOLITANA
NORTE RIOGRANDENSE



ISSN: 2675-0589

**REVISTA FACULDADE FAMEN – REFFEN
FACULDADE METROPOLITANA NORTE RIOGRANDENSE**

**PAULO ROBERTO RAMOS
ANTONIO PEREIRA FILHO
SIDCLAY CORDEIRO PEREIRA
(ORGANIZADORES)**

DOSSIÊ TEMÁTICO:

Ano 7, Vol. 7, n. 2 (2026)

**EDUCAÇÃO TERRITORIALIZADA NO SEMIÁRIDO: SABERES ANCESTRAIS,
JUSTIÇA CLIMÁTICA E RESISTÊNCIAS DECOLONIAIS**



FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

R454 Revista Faculdade FAMEN – REFFEN

Dossiê: Educação territorializada no semiárido: saberes ancestrais, justiça climática e resistências decoloniais / Faculdade Metropolitana Norte Riograndense; organização de Paulo Roberto Ramos; Antonio Pereira Filho; Sidclay Cordeiro Pereira. – Vol. 7, n. 2, 2026. – Natal, RN: Editora FAMEN, 2026.

ISSN: 2675-0589

Disponível em: <https://revistafamen.com.br/index.php/revistafamen/index>.

1. Educação. I. Faculdade Metropolitana Norte Riograndense. II. Ramos, Paulo Roberto (org.). III. Pereira Filho, Antonio (org.). IV. Pereira, Sidclay Cordeiro (org.). V. Título.

CDD: 370

CDU: 37

Elaborada pelo Bibliotecário Miqueias Alex de Souza Pereira CRB-15/925





FACULDADE METROPOLITANA
NORTE RIOGRANDENSE

Rua São Severino, 18 – Bom Pastor, Natal – RN, 59060-040

Diretoria Geral

Valdete Batista do Nascimento

Coordenação de Pesquisa e de pós-graduação

Wendella Sara Costa da Silva

Conselho Editorial da FAMEN

Editora Chefe

Profa. Dra. Andrezza M. B. Do N. Tavares – Instituto Federal de Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Natal, RN, Brasil.

Link para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5187018279016366>.

Editor Adjunto

Prof. Dr. Fábio Alexandre Araújo dos Santos – Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Natal, RN, Brasil.

Link para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8334261197856331>.

Conselho Editorial Internacional

Presidente: Dr. Bento Duarte da Silva
Dr. Manuel Tavares
Dr. Dionísio Luís Tumbo
Dr. Gabriel Linari
Dra. Cristina Rafaela Riccì
Me. Gustavo Adólfo Fernández Díaz
Dr. Manuel Teixeira

Dra. Antonia Dalva França Carvalho
Dra. Elda Silva do Nascimento Melo
Dra. Karla Cristina Silva Sousa
Dra. Márcia Adelino da Silva Dias
Dr. Adir Luiz Ferreira
Dra. Giovana Carla Cardoso Amorim
Dra. Lucila Maria Pesce de Oliveira

Comitê Científico Interdisciplinar

Presidente: Dr. Rylanneive L. Pontes Teixeira
Dra. Juliana Alencar de Souza
Dr. Júlio Ribeiro Soares
Dra. Leila Salim Leal
Dra. Christiane Mylena T. de M. Gameleira
Dr. José Rodolfo Lopes de Paiva Cavalcanti
Dra. Kadydja Karla Nascimento Chagas
Dr. Avelino de Lima Neto
Dr. Sérgio Luiz Bezerra Trindade
Dr. Eduardo Henrique Cunha de Farias
Dr. Bruno Lustosa de Moura
Dra. Maria da Conceição Monteiro Cavalcanti
Dr. José Moisés Nunes da Silva

Dra. Maria das Graças de Almeida Baptista
Dr. Antonio Marques dos Santos
Dr. Luiz Antonio da Silva dos Santos
Dra. Wendella Sara Costa da Silva
Dr. José Flávio da Paz
Dra. Laércia Maria Bertulino de Medeiros
Ma. Valdete Batista do Nascimento
Ma. Maria Judivanda da Cunha
Me. João Maria de Lima
Me. Eric Mateus Soares Dias
Me. Adriel Felipe de Araújo Bezerra
Ma. Rayssa Cyntia Baracho Lopes Souza

Bibliotecário e diagramação

Miqueias Alex de Souza Pereira

Projeto Gráfico, diagramação e Capa

Eddean Riquemberg C. Xavier

Revisão de Textos

Prof. Dr. Dayvyd Lavaniery Marques de Medeiros

Prefixo editorial: Editora FAMEN

Linha editorial: Acadêmica

Disponível para download em: <https://revistafamen.com.br/index.php/revistafamen/index>



Endereço: R. São Severino, 18 - Bom Pastor, Natal - RN, 59060-040.
Sala 08.

Contatos: (84) 987553681 / editora@famen.edu.br

INFORMATIVOS

Os artigos desta publicação são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre o seu conteúdo a Revista Faculdade FAMEN - REFFEN ou Faculdade Metropolitana Norte Rio-grandense. Os artigos podem ser reproduzidos total ou parcialmente, desde que a fonte seja devidamente citada e que o seu uso seja para fins acadêmicos.

Objetivo: A Revista Faculdade FAMEN - REFFEN é um periódico científico que objetiva publicar produções acadêmicas por meio de artigos, ensaios, estudos de arte, entrevistas, resenhas, relatos de experiência, perfil, entre outras comunicações técnicas sobre o campo da ciência da educação em diálogo com as áreas das humanidades e ciências sociais.

Critérios de publicação: As produções científicas encaminhadas para a Revista Faculdade FAMEN - REFFEN devem ser preferencialmente inéditas. Não serão publicadas produções que destoem da temática editorial, dos fundamentos e dos eixos temáticos estabelecidos pelo Regimento Interno da Editora.

Os manuscritos em formato on-line, uma vez publicados, serão disponibilizados no site www.editorafamen.com.br. A Editora FAMEN considera que os conceitos e os posicionamentos emitidos nas produções publicadas são de inteira responsabilidade dos autores, não refletindo, necessariamente, a opinião de seu conselho editorial.

O tratamento ético das produções acadêmicas e de responsabilidade dos autores. Após a publicação e recomendável a disponibilização do artigo no repositório de acesso aberto da Faculdade FAMEN para a replicabilidade dos estudos, bem como, para o aumento da visibilidade e, conseqüentemente, das citações das produções acadêmicas publicadas.

Periodicidade: A periodicidade de recebimento das produções acadêmicas ocorrerá por meio de fluxo contínuo. A demarcação dos volumes dos cadernos da Revista Faculdade FAMEN - REFFEN, preferencialmente, serão no mínimo 10 artigos.

Tipos de publicações aceitas: Artigo de revisão bibliográfica; Artigo científico empírico; Entrevistas; Comunicação técnica; Ensaios; Perfil; Relatos de experiência; Resenhas; Resultados de pesquisa de iniciação científica; Biografização; e Produtos Educacionais.

Eixos temáticos: Política e gestão da educação; Formação de Professores e práticas pedagógicas; História e Memória da educação; Ensino, Currículo e produtos educacionais; Educação, comunicação, linguagens e movimento; Psicologia da educação, Psicopedagogia, Neuropedagogia e Inclusão Escolar; Educação Profissional, Sociologia da Educação e Psicologia Social.

Diretrizes para autores: O artigo deverá conter no mínimo nove e, no máximo quinze laudas. O trabalho deverá ser escrito com fonte Times New Roman, tamanho 12, papel formato A4, com margens superior/direita de 3 cm, esquerda/inferior 2cm. O espaçamento entre linhas e entre parágrafos de 1,5. Antes de iniciar uma seção o parágrafo anterior deverá ter um espaçamento de 1,5. O parágrafo justificado e numeração de páginas no canto inferior direito. Os artigos devem ser escritos por, no máximo, três autores, sendo, pelo menos um deles, Mestre (a) ou Doutor (a). O texto integral do trabalho poderá ser apresentado em português, inglês,

francês ou espanhol. Nesse caso o resumo deve vir na língua em que foi escrito e a tradução em língua portuguesa, com cerca de 100 a 250 palavras em espaço 1,0 (simples), acompanhado de 3 a 5 palavras-chave, separadas por ponto. O título de cada seção deverá iniciar em negrito e maiúsculo. As seções deverão ser enumeradas com exceção da “Introdução” e das “Considerações finais”. Os subtítulos devem estar em maiúsculo sem negrito. As citações deverão seguir as normas da ABNT em voga. Citações diretas de até três linhas deverão estar inseridas na sequência normal do parágrafo, entre aspas, com a mesma fonte e tamanho de letras, acompanhadas do sobrenome do autor, data e página da fonte, ex.: “O poeta é um fingidor” (Pessoa, 1980, p. 34). Caso o texto citado já contenha sinal de pontuação encerrando, a frase, as aspas finais são colocadas após este sinal; caso contrário, as aspas delimitam o final da citação. Citação direta com mais de três linhas ou citação longa ter regra específica e transcrita em parágrafo distinto, ou seja, separada do tamanho da letra deve ser reduzido (fonte 10). Não deve conter aspas; transcrito com espaço entrelinhas simples. Caso exista o orientador, na sequência, primeiro o autor depois o orientador.

Política de Acesso Livre: A Revista Faculdade FAMEN - REFFEN se insere no repertório de periódicos científicos que possuem política de acesso livre a todo o seu conteúdo. Segue o critério de disponibilidade gratuita do processo intelectual dos autores, em formato científico, colaborando com a democratização universal do conhecimento.

TÍTULO

Revista Faculdade FAMEN - REFFEN. Ano 7, V. 7, N. 2, 2026.

EDITORIAL

Periódico em Educação

ORGANIZAÇÃO

Paulo Roberto Ramos

Antonio Pereira Filho

Sidclay Cordeiro Pereira

Paulo Roberto Ramos – Graduação em Ciências Sociais, com área de concentração em Ciência Política. Mestrado e Doutorado em Sociologia, na linha de Sociologia do Desenvolvimento, pela Universidade Federal da Paraíba. Especialização em Epidemiologia e Vigilância em Saúde, Especialização em Gestão de Políticas Públicas e Sociais e Especialização em Nutrição e Saúde, pela Faculdade do Iguazu (PR). Bacharelado em Nutrição pela Universidade de Pernambuco. Pós-doutorando em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental pela Universidade do Estado da Bahia. Atualmente é professor Associado do Colegiado de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas de Desenvolvimento do Semiárido (PPGDiDeS) da Universidade Federal do Vale do São Francisco-UNIVASF. Tem experiência nas áreas de Educação, Pesquisa Científica, Gestão Ambiental, Nutrição, Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável, com ênfase em Sociologia do Desenvolvimento, Sociologia Ambiental, Sociologia da Saúde e Sociologia Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Ambiental, Agroecologia, Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável, Interdisciplinaridade, Alimentação Saudável, Degradação Socioambiental, Recursos hídricos e Saúde Ambiental. Fundador e Coordenador Geral do Programa Escola Verde (escolaverde.org), aprovado PROEXT-MEC. Ganhador do prêmio de Referência para Inovação e Criatividade na Educação Básica, do MEC. Líder do Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental Interdisciplinar. Coordenador do Núcleo Temático de Educação Ambiental Interdisciplinar (NUTEAI). Consultor Ad hoc da Revista Ambiente Sociedade. Avaliador externo do PIBIC da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE). Pesquisador integrado ao Centro de Referência para Recuperação de Áreas Degradadas da Caatinga (CRAD/Univasf). Presidente da Comissão de Coleta Seletiva Solidária da Univasf (2013 a 2015) e integrante desta comissão atualmente. Integrante do Comitê do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) (2005 a 2009 e 2014 a 2019), Coordenador de Área do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência PIBID (2013 a 2017). Orientador do Programa Residência Pedagógica (2018 a 2024). Membro Comissão Gestora de Logística Sustentável da Univasf. Membro do Comitê Gestor do Programa Univasf Sustentável. Coordenador de Estágio e Decano do Curso de Ciências Sociais da Univasf. Coordenador do Espaço Sala Verde da Univasf. Diretor Executivo da Revista Verde. Professor do curso de Especialização em Saúde Ambiental (SEaD/Univasf). Coordenador do Curso de Especialização Lato Sensu em Educação Ambiental Interdisciplinar (SEaD/Univasf).

Antonio Pereira Filho – Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Piauí (1996); Mestrado em Ciências da Agricultura, na área de Meio Ambiente e Tecnologia Kyoto University - Japão (2004). Doutorado em Engenharia Agrícola na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2017) na área de água e solo, com Doutorado Sanduíche no Carbon Management and Sequestration Center (C-MASC) da Ohio State University (USA). Atualmente, professor Associado II da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) em Juazeiro (BA) no Colegiado de Engenharia Agrícola e Ambiental atuando nas disciplinas de Gestão Ambiental e Impacto Ambiental e docente permanente do Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas de Desenvolvimento do Semiárido - PPGDiDeS.

Sidclay Cordeiro Pereira – Graduado e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Geográficas da Université Laval (Québec, QC, Canadá). Como graduando foi bolsista de Monitoria, Extensão e Iniciação Científica. Como graduado, foi pesquisador do CNPq em projetos sobre biodiversidade envolvendo universidades públicas (UFPE, UEFS, UFRPE), Organizações Não Governamentais (APNe e AS-PTA) e o Royal Botanic Gardens, Kew (Londres, Inglaterra), onde fez uma parte do trabalho. No Mestrado, analisou as estratégias de uso do espaço do Recife (PE) no período de ocupação neerlandesa (1630-1654) seguindo a linha da Análise Regional numa perspectiva da Geografia Histórica. Em 2019, defendeu a tese de doutorado intitulada "Análise de um século de representações territoriais e da gestão hídrica no Estado de Pernambuco, Brasil (1909-2019)" em que buscou compreender a governança da água no sertão sob a ótica das suas representações territoriais. Atualmente, é professor adjunto do Colegiado de Geografia da Universidade de Pernambuco, Campus Petrolina, lecionando Geografia Regional do Brasil,

Geografia do Semiárido e Geografia e Cultura. É membro do Laboratório Integrado de Geografia e Meio Ambiente (LIEGMA), do Grupo de Pesquisa História e Memória (UPE), do Grupo de Pesquisa em Geografia e Meio Ambiente do Semiárido e do Programa Escola Verde (escolaverde.org). Em 2025, ingressou como docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas e Desenvolvimento do Semiárido (PPGDIDES) da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

SUMÁRIO

EDITORIAL

Paulo Roberto Ramos; Antonio Pereira Filho; Sidclay Cordeiro Pereira

01. EDUCAÇÃO, TERRITÓRIO E JUSTIÇA NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO: FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS, PEDAGÓGICOS E POLÍTICO-TERRITORIAIS

Autoria: Paulo Roberto Ramos; Antonio Pereira Filho; Sidclay Cordeiro Pereira

DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.2026.r7a09>

02. COLONIALIDADE CURRICULAR E RESISTÊNCIA BIOCULTURAL NA CAATINGA: TENSÕES ENTRE A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E A EDUCAÇÃO DO CAMPO

Autoria: Michael Douglas Alves dos Santos; Pedro Paulo da Cunha; Cícera Jussimara da Silva Oliveira; Eliana Silva Gomes Moura

DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.2026.r7a10>

03. PEDAGOGIA TERRITORIAL DO CUIDADO NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO: EDUCAÇÃO, SAÚDE E VULNERABILIDADE NO ENFRENTAMENTO DAS ENDEMIAS

Autoria: Carla Valois Ribeiro; Rodrigo Almeida Ferreira; Elisangela Maria do Nascimento Costa; Pedro Paulo da Cunha

DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.2026.r7a11>

04. MOBILE LEARNING E PERMANÊNCIA ESCOLAR NO SEMIÁRIDO: O WHATSAPP COMO TERRITÓRIO EDUCATIVO TRANSIENTE

Autoria: Jeová Rodrigues Silva; Rodrigo Almeida Ferreira; Valdemir Pereira da Silva; Lucimara Silva Torres Santos

DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.2026.r7a12>

05. POLÍTICAS DE EJA NO SEMIÁRIDO: URBANIZAÇÃO PEDAGÓGICA, ALFABETIZAÇÃO FUNCIONAL E EMANCIPAÇÃO PRODUTIVA

Autoria: Francisca Aline de Oliveira Torres; Edmo Henrique Martins Cavalcante; Regina Andrade Silva; Pedro Paulo da Cunha

DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.2026.r7a13>

06. RESILIÊNCIA ALIMENTAR NO SEMIÁRIDO: ESCOLA RURAL, TECNOLOGIAS SOCIAIS E ADAPTAÇÃO CLIMÁTICA NA CAATINGA

Autoria: Edmo Henrique Martins Cavalcante; Pedro Paulo da Cunha; Francimaria Batista Miranda; Lucimara Silva Torres Santos

DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.2026.r7a14>

07. JUSTIÇA DIGITAL E O “HIATO DE PERMANÊNCIA”: EXCLUSÃO CONECTIVA E MARGINALIZAÇÃO TERRITORIAL NA CAATINGA BRASILEIRA

Autoria: Rodrigo Almeida Ferreira; Pedro Paulo da Cunha; Fernando Pereira Coelho; Cláudio Alberto de Sá Quirino

DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.2026.r7a15>

08. A CAATINGA COMO ECOLOGIA PEDAGÓGICA: EPISTEMOLOGIAS DE RESISTÊNCIA E CURRÍCULOS INDÍGENAS NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

Autoria: Pedro Paulo da Cunha; Francisca Aline de Oliveira Torres; Cícera Jussimara da Silva Oliveira; Roberta Alencar França Queiroz

DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.2026.r7a16>

09. CLIMA E AFETO: SOFRIMENTO PSICOSSOCIAL DISCENTE, ECOANSIEDADE E VULNERABILIDADE HÍDRICA NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

Autoria: Rodrigo Almeida Ferreira; Pedro Paulo da Cunha; Maria Eliete Ribeiro de Araújo; Débora Cíntia Oliveira da Silva

DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.2026.r7a17>

10. GÊNERO, TERRA E SABER: AGROECOLOGIA FEMINISTA E EDUCAÇÃO TERRITORIALIZADA NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

Autoria: Francisca Aline de Oliveira Torres; Eliana Silva Gomes Moura; Thalyta Evans Barros Melo; Pedro Paulo da Cunha

DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.2026.r7a18>

11. LITERACIA CLIMÁTICA TERRITORIALIZADA NA CAATINGA: ECO-PEDAGOGIA CRÍTICA, JUSTIÇA CLIMÁTICA E ADAPTAÇÃO GLOBAL

Autoria: Italo Alan Barbosa Bispo; Pedro Paulo da Cunha; Maria Míryam da Silva Alves; Matheus Honorato dos Santos Oliveira

DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.2026.r7a19>

12. 12. ESCOLA-ECOSSISTEMA E PEDAGOGIA BIOCLIMÁTICA DO SEMIÁRIDO: BIOFILIA, COGNIÇÃO INCORPORADA E APRENDIZAGEM TERRITORIALIZADA

Autoria: Francisca Aline de Oliveira Torres; Tatiane Lopes Ribeiro Menezes; Pedro Paulo da Cunha; Cláudio Alberto de Sá Quirino

DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.2026.r7a20>

13. EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA E FUTURISMO SERTANEJO: ANTOLOGIAS ANCESTRAIS E SOBREVIVÊNCIA PLANETÁRIA NO SEMIÁRIDO

Autoria: Michael Douglas Alves dos Santos; Afonso José Andrade Duarte; Tatiane Lopes Ribeiro Menezes; Pedro Paulo da Cunha

DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.2026.r7a21>

EDITORIAL

Há uma pedagogia que nasce do chão rachado. Há uma epistemologia que se forja no uso tradicional dos recursos do Semiárido. Há uma ciência que germina nas mãos calosas de quem planta no seco e colhe no improvável. Este dossiê é, antes de qualquer coisa, uma homenagem a essa pedagogia, a essa epistemologia e a essa ciência que o Semiárido brasileiro produz há séculos, em silêncio acadêmico e em voz alta nas comunidades, nas roças, nos terreiros, nas escolas de chão de terra batida e nas salas de pós-graduação de instituições que escolheram, deliberadamente, fincar raízes nesse território.

A Revista Faculdade FAMEN acolheu este projeto com generosidade e comprometimento institucional que merecem reconhecimento público. Apresentar um dossiê desta natureza, nascido das entranhas do Semiárido, produzido por pesquisadores que vivem e pesquisam a partir desse território, e publicado num periódico com a tradição e o rigor da FAMEN, é um ato que transcende o protocolo acadêmico. É um gesto político de reconhecimento da legitimidade do Semiárido como locus de produção de conhecimento científico de primeira ordem. A toda a equipe editorial da Revista da FAMEN, aos pareceristas que dedicaram tempo e cuidado à avaliação dos manuscritos, e à direção da instituição que abriu suas páginas para esta aventura intelectual coletiva, expressamos gratidão profunda e sincera.

Este dossiê não nasceu em gabinetes climatizados nem em reuniões de planejamento estratégico. Nasceu, como toda coisa verdadeira no Semiárido, de uma necessidade concreta e de uma teimosia coletiva.

A maior parte dos estudos aqui reunidos tem origem nas experiências de pesquisa, discussões e reflexões desenvolvidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas de Desenvolvimento do Semiárido (PPGDiDeS) da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), com especial destaque para as atividades desenvolvidas na disciplina de Metodologia de Pesquisa, espaço em que estudantes de mestrado e doutorado são convidados não apenas a aprender técnicas e protocolos de investigação, mas a refletir profundamente sobre as implicações epistemológicas, éticas e políticas de pesquisar a partir e sobre o Semiárido.

Contribuições fundamentais vieram também das atividades do Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental Interdisciplinar, certificado pelo CNPq, que reúne pesquisadores de diferentes instituições de ensino superior da região da Caatinga e do Vale do São Francisco, produzindo conhecimento situado, contextualizado e comprometido com a transformação das realidades que investiga.

O PPGDiDeS representa, em si mesmo, uma resposta institucional às iniciativas de decolonialidade epistêmica. Um programa de pós-graduação situado no coração do Semiárido, formando mestres comprometidos com as dinâmicas de desenvolvimento de sua própria região, constitui uma anomalia produtiva no mapa da pós-graduação brasileira, historicamente concentrado nos grandes centros urbanos do Sudeste e Sul do país. O Vale do São Francisco, que banha os estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas, é um dos territórios mais ricos e contraditórios do Brasil: palco de grandes projetos de irrigação e de resistências camponesas históricas, de comunidades quilombolas centenárias e de inovações tecnológicas em fruticultura irrigada, de sabedorias ancestrais dos povos indígenas Tuxá, Truká, Kambiwá e Pankará e de universidades públicas federais que, a partir das últimas décadas, escolheram esse território como casa.

É desse cruzamento de tempos, saberes e projetos que este dossiê emerge. Os estudantes e professores que assinam os artigos aqui publicados são, em sua maioria, filhos e filhas do Semiárido, ou pessoas que escolheram o Semiárido como morada intelectual e existencial. Muitos deles atravessaram estradas de barro, acordaram às cinco da manhã para chegar às salas de aula, combinaram a jornada acadêmica com o trabalho na escola pública, na extensão rural, na gestão municipal, na militância dos movimentos sociais. Escrever sobre o Semiárido, para essas pessoas, não é um exercício de distanciamento científico: é um ato de amor e de responsabilidade com o lugar que as constituiu.

Todavia, este dossiê nasceu marcado por desafios que acompanharam toda sua produção. A pesquisa acadêmica no Semiárido enfrenta obstáculos que raramente aparecem nos manuais de metodologia, mas que determinam concretamente o que é possível investigar, como, com quem e com quais recursos.

O primeiro desafio é o da invisibilidade institucional. Durante décadas, a produção intelectual sobre o Semiárido foi marginalmente reconhecida no sistema de avaliação da pós-graduação brasileira, marcado por métricas que privilegiam a publicação em periódicos internacionais de alto fator de impacto, geralmente pouco permeáveis às especificidades das realidades do Sul global. Pesquisar sobre pedagogias de convivência com a seca, sobre saberes da Caatinga, sobre as epistemologias das comunidades quilombolas do São Francisco não é uma escolha academicamente neutra num sistema que tende a valorizar mais a abstração universalizante do que o enraizamento territorial. Os pesquisadores que assinam este dossiê fizeram essa escolha com consciência de seus custos e com convicção de sua necessidade.

O segundo desafio é o da infraestrutura precária. As instituições de ensino superior da região semiárida, apesar dos avanços significativos promovidos pelo programa de expansão

universitária das últimas décadas, ainda enfrentam limitações de financeiras, laboratórios, bibliotecas, acesso a bases de dados internacionais, recursos para trabalho de campo e bolsas de pesquisa. Estudantes de mestrado e doutorado que precisam conciliar a vida acadêmica com o trabalho remunerado, que vivem em municípios a centenas de quilômetros dos campi universitários, que não dispõem de transporte próprio nem de recursos para hospedagem nas cidades-sede dos programas, constroem suas pesquisas em condições que exigem criatividade, determinação e solidariedade coletiva muito acima do que seria razoável esperar de qualquer pesquisador.

O terceiro desafio é o da tensão epistemológica interna. Pesquisar sobre epistemologias do Sul utilizando os instrumentos metodológicos consagrados pela ciência moderna ocidental coloca inevitavelmente os pesquisadores numa posição de contradição produtiva. Como aplicar critérios de rigor científico sem reproduzir a hierarquização epistêmica que se pretende criticar? Como realizar revisões sistemáticas da literatura quando parte significativa dos conhecimentos que se quer estudar não está publicada em periódicos indexados, mas circula em narrativas orais, em práticas comunitárias, em rituais e em saberes incorporados que resistem à tradução em formato de artigo científico? Essas tensões não foram resolvidas neste dossiê: foram reconhecidas, nomeadas e transformadas em material de reflexão.

O quarto desafio é o da temporalidade. A escrita acadêmica opera em tempos que raramente coincidem com os tempos das comunidades que se pesquisa. O tempo da colheita, o tempo da festa, o tempo da seca, o tempo da migração são temporalidades que interrompem, adiam e redesenham os cronogramas das pesquisas. Vários dos estudos aqui publicados foram impactados por essas temporalidades, por eventos climáticos extremos que afetaram as comunidades investigadas, por demandas urgentes dos sujeitos da pesquisa que não podiam esperar os protocolos acadêmicos, por situações de vulnerabilidade social que exigiram dos pesquisadores respostas éticas antes de respostas metodológicas. Essas interrupções e redesenhos não são falhas de planejamento: são marcas de uma pesquisa que se deixou afetar pelo seu objeto, que reconheceu a humanidade dos sujeitos pesquisados acima da lógica de produção acadêmica.

O quinto desafio, talvez o mais silencioso e o mais corrosivo, foi o do isolamento acadêmico. Produzir conhecimento situado, crítico e decolonial a partir de instituições localizadas em regiões periféricas do sistema acadêmico nacional exige uma dose de autoconfiança epistêmica que o sistema frequentemente trata de minar. A dúvida sobre a relevância das próprias perguntas de pesquisa, sobre a validade dos próprios marcos teóricos, sobre a legitimidade de citar autores locais e regionais ao lado de referências canônicas

internacionais é uma forma de colonialidade internalizada que afeta, em maior ou menor grau, todos os pesquisadores que escolhem pesquisar a partir das margens. Nomear esse desafio é, em si mesmo, um gesto decolonial.

Se os desafios foram muitos e reais, as superações são igualmente concretas e merecem ser celebradas com a mesma honestidade.

A mais significativa superação foi a da construção de uma comunidade epistêmica. Os treze artigos deste dossiê não são produções isoladas de pesquisadores que se encontraram casualmente numa edição de periódico. São expressões de um processo coletivo de elaboração teórica, de diálogo metodológico e de comprometimento político que vem sendo tecido, pacientemente, nas salas de aula do PPGDiDeS, nas reuniões do Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental Interdisciplinar, nos trabalhos de campo nas comunidades do Semiárido, nas madrugadas de escrita compartilhada e nos grupos de orientação em que professores e estudantes constroem juntos, e em genuína horizontalidade, as ferramentas teóricas de que precisam para compreender o mundo que pesquisam.

A segunda superação foi a expansão dos limites do que pode ser dito no formato científico. Vários dos artigos deste dossiê ousam incorporar, em seus quadros analíticos, elementos que a academia convencional tenderia a classificar como "não científicos": narrativas de rezadeiras e agricultores; análise de canções de forró como texto pedagógico; interpretação de práticas de manejo da Caatinga como epistemologia aplicada; reconhecimento das lágrimas de uma estudante. Esses gestos metodológicos não são ingênuos nem arbitrários: são o resultado de uma reflexão aprofundada sobre os limites e as possibilidades dos métodos disponíveis e sobre a necessidade de criar novos instrumentos de investigação quando os existentes se revelam insuficientes.

A terceira superação foi a persistência diante da adversidade. Muitos dos artigos aqui publicados passaram por múltiplos ciclos de revisão, reescrita, qualificação de críticas exigentes e reformulação de argumentos. Alguns foram escritos em meio a dificuldades pessoais significativas, em períodos de seca severa que afetaram as comunidades, em contextos de precarização das universidades públicas e de ameaças ao financiamento da pesquisa científica no Brasil. Que esses artigos existam, que estejam aqui, que tenham sido aprovados no rigoroso processo de avaliação por pares da Revista da FAMEN, é uma vitória que pertence não apenas aos seus autores, mas a todos que acreditaram que era possível e necessário produzi-los.

Este dossiê não se limita a aplicar quadros teóricos já consolidados a realidades pouco estudadas. Em vários de seus artigos, ele vai além: propõe novos conceitos, novas categorias

analíticas e novas articulações teóricas que enriquecem não apenas os estudos sobre o Semiárido, mas o campo mais amplo das ciências da educação, dos estudos territoriais e das epistemologias do Sul.

O conceito de "escola-ecossistema", desenvolvido no sétimo artigo, propõe uma reorganização radical da relação entre escola e território que vai além das formulações já existentes sobre "escola do campo" ou "escola contextualizada". A escola-ecossistema não é uma escola que se abre para o território: é uma escola que reconhece ser parte constitutiva do ecossistema territorial, que se deixa afetar e transformar pelos ciclos ecológicos, pelas emergências comunitárias e pelos ritmos da vida sertaneja, e que devolve ao território, em forma de práticas educativas, a riqueza dos saberes que dele absorve.

A noção de "futurismo sertanejo", elaborada no décimo segundo artigo, constitui uma contribuição original à teoria da imaginação pedagógica. Contrapondo-se tanto ao pessimismo resignado das narrativas do déficit quanto ao otimismo ingênuo das políticas de "empoderamento", o futurismo sertanejo designa as práticas pelas quais as comunidades do Semiárido constroem narrativas de futuro ancoradas em suas próprias temporalidades, esteticamente enraizadas em suas próprias tradições culturais e politicamente orientadas por seus próprios projetos de autonomia. Trata-se de uma epistemologia da esperança que não nega a dureza do presente, mas recusa a fatalidade do que está posto.

A categoria de "pedagogia bioclimática", proposta no décimo primeiro artigo, articula os saberes meteorológicos tradicionais das comunidades sertanejas com os conhecimentos científicos sobre mudanças climáticas, produzindo um quadro analítico capaz de reconhecer a sofisticação epistêmica dos "leitores do céu" sertanejos sem romantizá-la nem reduzi-la a mero folclore. A pedagogia bioclimática propõe que a escola do Semiárido seja um espaço de diálogo genuíno entre esses dois registros de conhecimento, contribuindo tanto para a preservação dos saberes meteorológicos tradicionais quanto para a democratização do conhecimento científico sobre as mudanças climáticas.

O conceito de "soberania pedagógica", desenvolvido no quinto artigo em articulação com a discussão sobre soberania alimentar e sementes crioulas, propõe que as comunidades do Semiárido têm não apenas o direito à educação, mas o direito de definir os conteúdos, as formas e os propósitos de sua própria educação, sem subordinação a currículos externos que desconhecem suas realidades e desvalorizam seus saberes. A soberania pedagógica é, nessa formulação, uma dimensão constitutiva da soberania territorial e alimentar, indissociável das lutas pela terra, pela água e pela biodiversidade.

A noção de "justiça digital territorializada", elaborada no sexto artigo, representa uma contribuição relevante aos debates sobre inclusão digital e direito à educação na era da conectividade. Ao recusar tanto o determinismo tecnológico que vê na difusão das tecnologias digitais a solução automática para as desigualdades educacionais quanto o pessimismo tecnofóbico que desconhece os potenciais emancipatórios dessas tecnologias, o conceito de justiça digital territorializada propõe que a avaliação do impacto das tecnologias digitais na educação do Semiárido precisa necessariamente levar em conta as especificidades territoriais, culturais e políticas da região, reconhecendo que a conectividade, por si só, não produz justiça educacional se não for acompanhada de transformações nas relações de poder que governam a produção e a circulação do conhecimento.

Finalmente, a categoria de "afeto climático pedagógico", proposta no oitavo artigo, abre uma perspectiva nova e necessária para o campo da educação ambiental no Semiárido. Ao reconhecer que a experiência das mudanças climáticas é, para as crianças e jovens do Semiárido, antes de tudo uma experiência afetiva e subjetiva de perda, medo e incerteza, esse conceito propõe que a escola precisa desenvolver competências de acolhimento, elaboração e transformação dessas experiências emocionais, convertendo o sofrimento climático em matéria de reflexão crítica e em energia de mobilização política. Trata-se de uma contribuição que dialoga com os campos da psicologia ambiental, da educação para a cidadania e da saúde mental coletiva, demonstrando a vocação interdisciplinar que caracteriza a melhor produção intelectual sobre o Semiárido.

Um dossiê desta envergadura não se constrói sem redes de apoio, afeto e comprometimento que merecem ser nomeadas com cuidado.

Dentre eles, os estudantes do PPGDiDeS que toparam o desafio de transformar suas pesquisas, suas vivências e olhares em artigos científicos, que enfrentaram as exigências do processo de revisão por pares com humildade e determinação, que reescreveram seus textos quantas vezes foram necessárias sem perder o fio de sua própria voz intelectual: este dossiê é de vocês, que provaram que é possível produzir ciência de excelência a partir do Semiárido, sobre o Semiárido e para o Semiárido. Provaram que a distância geográfica dos grandes centros acadêmicos não implica distância epistêmica da produção do conhecimento relevante. Provaram que a pós-graduação pública no interior do Nordeste não é um projeto de segunda categoria: é uma das experiências mais ricas e necessárias que a universidade brasileira produziu nas últimas décadas.

Também não podemos deixar de reconhecer o suporte dos professores orientadores que acompanharam esses percursos, que souberam quando pressionar e quando ceder, quando

exigir rigor metodológico e quando reconhecer que o rigor mais importante, num determinado momento, era o de ouvir o que as comunidades tinham a dizer: a generosidade pedagógica que vocês exerceram é o ingrediente mais difícil de aprender e o mais decisivo para a formação de pesquisadores comprometidos. A orientação acadêmica, quando praticada com cuidado, é ela mesma uma forma de pedagogia da convivência.

Destaque especial para o Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental Interdisciplinar e à rede de pesquisadores das instituições de ensino superior da Caatinga e do Vale do São Francisco que contribuíram com leituras críticas, sugestões bibliográficas, dados de campo e debates nos seminários do grupo: a ciência é uma empresa coletiva, e a qualidade dos artigos aqui publicados deve muito às conversas que aconteceram em salas de reunião, em percursos de campo, em aplicativos de mensagens e nos intervalos dos eventos acadêmicos regionais. O conhecimento que circula nessa rede é um patrimônio coletivo que este dossiê tem a honra de registrar e de tornar público.

Um agradecimento especial as comunidades do Semiárido que abriram suas portas, seus quintais, suas memórias e seus saberes para os pesquisadores que assinam estes artigos: sem vocês, não haveria pesquisa. Sem a generosidade dos agricultores que explicaram pacientemente como leem os sinais do tempo, das mulheres que compartilharam suas práticas de cura, dos mestres de ofício que deixaram registrar seus saberes, das lideranças comunitárias que confiaram ao olhar acadêmico as lutas e os sonhos de suas comunidades, nenhum destes artigos existiria. A dívida que os pesquisadores têm com essas comunidades não se paga com a publicação de artigos: paga-se com o compromisso de que a pesquisa produzida seja devolvida de forma útil, honesta e respeitosa aos territórios que a geraram.

Outro agente ativo da realização desta edição é a Revista da FAMEN, que acolheu este projeto com seriedade, abertura e comprometimento editorial exemplares: o espaço que vocês abriram para este dossiê é muito mais do que um espaço de publicação. É um gesto de reconhecimento da legitimidade do Semiárido como campo de produção científica, e da educação, do território e da justiça como temas de primeira importância para as ciências da saúde, da vida e do desenvolvimento. A tradição da FAMEN de rigor científico aliado ao compromisso com as populações mais vulneráveis encontra, neste dossiê, uma interlocução que esperamos seja apenas o início de uma parceria duradoura.

Terminar esta apresentação apenas com considerações acadêmicas seria insuficiente. Este dossiê é, também, um gesto político.

É um gesto de resistência à tendência que insiste em tratar o Semiárido como problema a ser resolvido por soluções externas, em vez de reconhecê-lo como território que produz

soluções próprias de extraordinária criatividade e pertinência. É um gesto de resistência ao epistemicídio que silencia os saberes das comunidades sertanejas nos currículos das universidades e das escolas. É um gesto de resistência ao modelo de universidade que forma profissionais para sair do Semiárido, em vez de formar pesquisadores e educadores que escolham ficar, transformar e ser transformados por esse território.

É, ao mesmo tempo, um gesto de afirmação. Afirmação de que é possível fazer ciência com rigor e com ternura, com método e com comprometimento político, com universalidade de propósitos e com enraizamento territorial. Afirmação de que a pós-graduação pública federal no Semiárido não é uma extensão periférica do sistema acadêmico nacional: é um centro de produção de conhecimento com agenda própria, com linguagem própria e com contribuições originais que enriquecem o campo das ciências da educação, dos estudos territoriais e das epistemologias do Sul em nível nacional e internacional.

Afirmação, sobretudo, de que o Semiárido existe. Que suas populações existem. Que seus saberes existem. E que a academia que se pretende comprometida com a produção de conhecimento relevante para a vida real tem muito a aprender com a pedagogia que nasce do chão rachado, com a epistemologia que se forja na espera da chuva, com a ciência que germina nas mãos de quem planta no seco e, teimosamente, colhe no improvável.

Os treze artigos que se seguem são convites a essa aprendizagem. Que esta leitura seja, para cada leitor e cada leitora, uma forma de resistência ao colonialista e a certeza do potencial de conviver com o Semiárido.

Paulo Roberto Ramos
Antonio Pereira Filho
Sidclay Cordeiro Pereira
(Organizadores)

Petrolina (PE), junho de 2026.